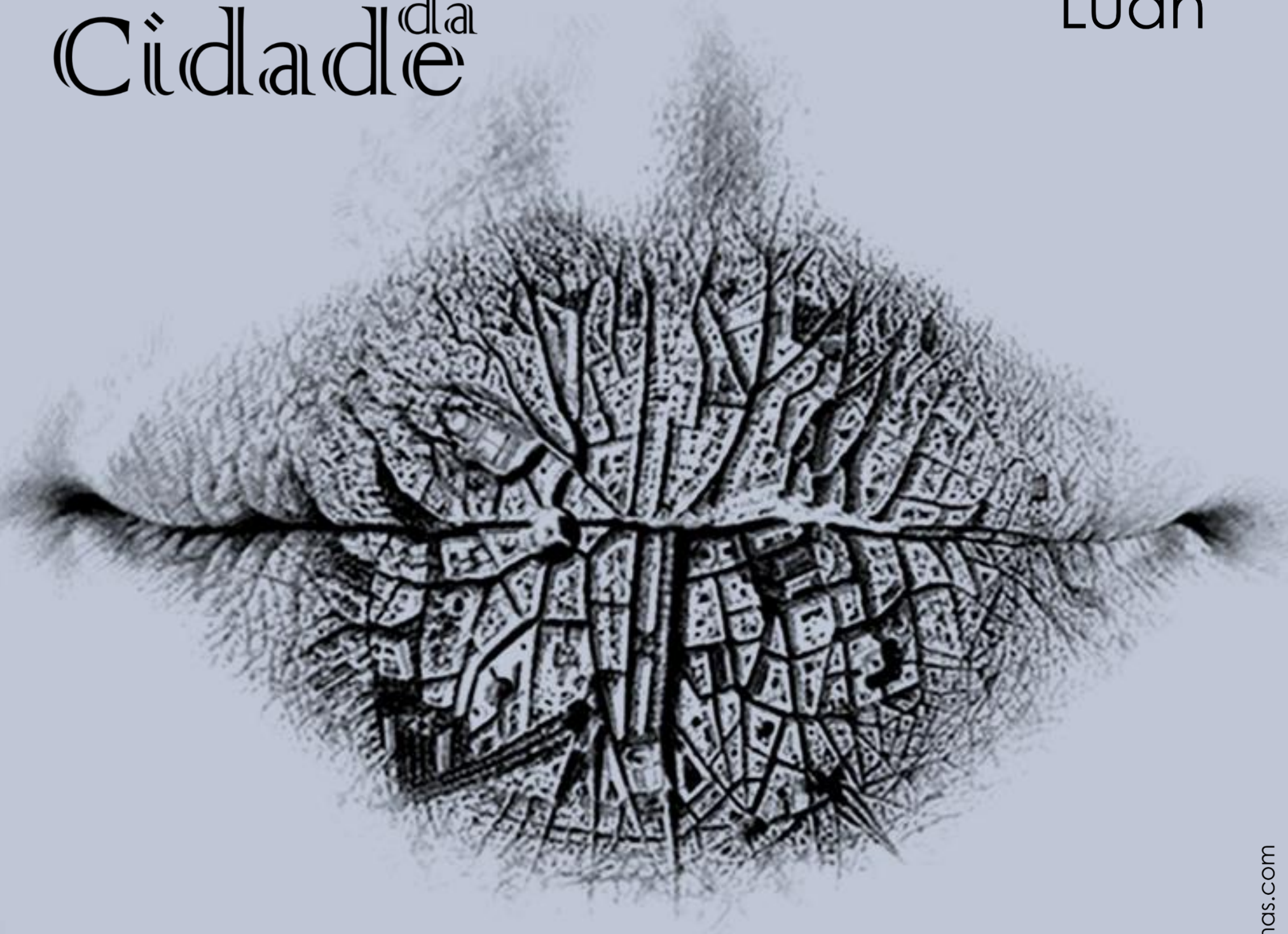


Crônica da Cidade

Mácllen
Luan



ae alagunas setembro
2015
ano I
extraordina

ISSN
2447-1003



/revistaalagunas 

/revistaalagunas 

@revistaAlagunas 

alagunas revista 

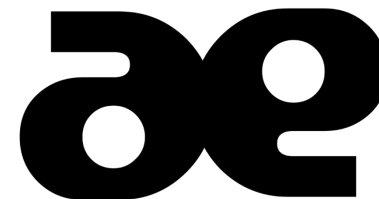
revistaalagunas@gmail.com 



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais. Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição, preservando a fonte e o nome do autor.

setembro
2015
ano I

Crônica
da
Cidade



Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autor

Mácllen Luan

“Crônica da Cidade”, publicada na sexta-feira, 11 de setembro de 2015, marca a inauguração das edições da Alagunas Extraordinária. A Alagunas Extraordinária é um espaço dentro da Revista Alagunas para publicação de edições exclusivas de autores ou temas específicos: publicando conjuntos de poemas, contos, ensaios, crônicas, assim como novelas e romances.

Mácllen Luan, professor de História, discente do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas e integrante do Corpo Editorial da Revista Alagunas, assumiu o desafio de inaugurar nossas edições Extraordinárias. “Crônicas da Cidade” é uma novela sobre a língua e a urbanidade originalmente publicadas no blog pessoal do autor, *Folhetim M* [blogfolhetimm.blogspot.com]. Desde então, a “Crônica da Cidade” passou por várias revisões até se tornar o que se mostra nesta edição.

A Alagunas Extraordinária, por fazer parte da Revista Alagunas, segue a mesma proposta editorial desta: a busca por uma proposta de pensar a partir da realidade na qual estamos inseridos: a partir do nosso mundo: do nosso tempo: das nossas questões – isto como ferramenta de criação e enfrentamento.

Mácllen Luan expande sua contribuição para nossa busca com esta primeira edição Extraordinária.

Editorial

ISSN
2447-1003



Editorial	dois
I	cinco
II	sete
III	oito
IV	nove
V	dez
VI	onze
VII	treze
VIII	quatorze
IX	quinze
X	dezesseis
XI	dezessete
XII	dezenove

Crônica da Cidade



Acordei ainda baleado, quatro horas de sono só aumentaram o cansaço desse trabalho. Desci da cama e pus a água na máquina, lembrei que o pó acabou ontem, tive que fazer café àquele homem de terno. Ele tem desconfiado de mim e estou com medo. Toda vez que a campainha toca, sei que preciso esboçar minha vergonha. Seria fácil se não precisasse agir assim, sem que o aborrecesse. Tento parecer que não aceito, mas também deixar óbvio que não me importo. Como me importar? Posso acender meu cigarro aqui mesmo, as plantas não se incomodam. Aliás, preciso dar água, estão secas. Depois do banho tomei uma grana da caixinha, os cigarros, as chaves e a identidade que ele deixou. Disse que eu ia gostar. Apenas no caminho até a banca de revistas decidi examinar quem sou hoje. Ele não pode desconfiar que tenho saído do prédio antes mesmo de saber o que devo fazer. Puxo a identidade e descubro. Hoje sou Virgílio de Sousa, cobrador de ônibus.

Cheguei na garagem com o caça-palavras debaixo do braço, bati o ponto, vesti o uniforme e procurei minha linha. O motorista já me esperava, cara troncha, escarrando, queria que eu percebesse no humor dele cuspiendo no chão. Saímos a um terminal, depois rodamos a cidade. As viagens eram infindas, tédio, ladeiras, curvas que eu jamais supus haver na cidade. Ainda pela manhã tentei olhar as pessoas cruzando a catraca, observei as bocas, dei bom dia, percebi nos trejeitos delas, julguei os empregos que tinham até pela testa, criei garranchos de vidas, até que mais rápido que pensei já estava cansado de tudo aquilo e todos passaram a ter a mesma testa e o mesmo suor. Só não cansei das bundas. Tirei o caça-palavras do bolso, joguei um pouco. Achei oito palavras, faltava uma. Insisti mais um pouco até que achei, co-ti-di-a-no. Era difícil achar no balanço do ônibus e com toda a gente entrando. Aquelas pessoas entravam, sentavam, olhavam a janela, o celular, a janela, a janela, a janela, o celular. As pessoas conversavam, se fitavam pouco, quase nada. Olhavam-se mais quando o outro não percebia. Notavam na camisa de botões do homem, na sandália da moça, no colar, no cinto, na blusa, no brinco. Fitavam com voracidade, podia ver a vontade no olhar delas. E depois era janela, celular, janela. Eu vi um entulho de gente que parecia muda, mas alguém vinha até a catraca e *passa na barão de penedo*? Como meu corpo quando acordo, minha língua já tinha tombado. Ela imóvel tanto tempo só ficou mais pesada. Eu balbuciava que nem eu entendia e continuava olhando no para-brisa, de onde eu aprendi não tirar os olhos. No fim do dia minha mão estava seca, ruidosa, mas também oleosa, era uma mistura da fuligem da cédula com fuligem da pista. Voltei pra garagem, bati o ponto, voltei pra casa caminhando, acendi um cigarro, subi as escadas, porra, esqueci de comprar o molho de tomate e café. Tirei as chaves do bolso e entrei na casa. De algum modo o dia pareceu cair subitamente na cabeça. As curvas, as ladeiras, as luzes, o vento e os freios, eram como *flashes* em assalto na minha mente. Senti uma tontura, larguei dinheiro e cigarro no sofá, tomei algo,

abri a janela... acho que os dias são abusivos. E esse diário é mais real que eu. Banho, sapatos, fumo, sanduíche, cabeça, comprimidos, coluna, TV, cama. Deito e não estou ansioso por quem devo ser amanhã. Não preciso me importar. Há algo de errado? Hoje fui Virgílio de Sousa. Ontem... já nem me lembro. Mas não importa quem seja, sempre sei que não me importo. Estou sempre satisfeito.



Acordei num susto, achei ter perdido a hora e o dia. Mas o relógio na cômoda ao lado ainda apontava 4:45. Dormi com a lâmpada acesa e a luz deve ter acusado minha cabeça. Cabeça, dorme, não, nem tira tempo. Ela não deixa titubear, me mantém ativo na corrida e deve ter medo que ao descansar me perca no fundo do colchão. Senti o corpo disposto e pensei em caminhar lá fora. Peguei a jaqueta, calcei as botas e os cigarros, lá fora faz muito frio no início do dia, penso que é um dos resquícios deixados pela soturnidade da noite. Preciso esquentar o peito, os pés e a garganta, mas algumas pessoas não entendem. Algumas pessoas me olham de lado... Antes de sair vi a identidade largada no sofá. Pensei em me aproximar e descobrir logo quem sou hoje. Mas é melhor guardar pra mim esse amanhecer. Lá fora o céu ainda estava diluindo o azul. É um grande momento do dia, mas passa com muita pressa, basta abaixar a cabeça pra ver o rato passando que a cor se perde. É assim com o amanhecer na cidade e, talvez seja assim também no campo. Então andei algumas quadras até chegar no posto de combustível aqui próximo. Eles só tinham pó solúvel de café e expresso. Pedi um pra esquentar o retorno até o prédio e comprei o solúvel pra não perder a xícara. Nesse caminho de volta topei com um desses homens de terno. A rua estava inóspita, um e outro indo abrir loja ou se esgueirando, mas ali estava o cara de terno. Ele vinha em minha direção e ainda de longe percebi que não era o mesmo que me visita. Mas estão todos intencionados, sabem todos do que se passa aqui e ali. Íamos nos aproximando, meu passo começou a tremer, tentei não olhar, mas foi impossível. Eu estava vidrado, fixado. Há poucos passos de cruzarmos ele tirou os óculos, friccionou na camisa, quando levantou o braço pra recolocá-los já estávamos próximos. Enfiou as lentes no meio da cara e no rápido lance anterior me olhou compenetrado, desconfiado, incomodado. Seus olhos me roubaram a manhã. O café esfriou, a rua ganhou mais três metros pra cada lado, pareceu me culpar. Apertei os passos e cheguei logo no prédio, as coisas ficaram mais rápidas, eu estava ansioso em tomar a identidade e mergulhar na cidade. Preciso ser mais eficiente. Não tomei o café da manhã, não havia mais tempo. Peguei a carteira e olhei: André Alves. Guarda de trânsito.



Ontem ganhei um olhar teso e dissimulado. Um olhar repreendedor. Uma fitada erosiva na minha manhã friamente ensolarada. Estou satisfeito. Aquele olhar me faz sentir-me mais confortável, me dá segurança de que estou dentro de como tem que ser. Sinto-me vigiado, não preciso me preocupar se devo largar o emprego, se devo parar de fumar, vender o apartamento, sair da cidade. Se preciso ter uma garota. Esse é o tipo de olhar que me faz comprar o estoque certo de café, cigarros, macarrão e ovos no mês. É o que me faz levantar da cama, tomar a carteira e me certificar imediatamente que hoje ainda sou alguém, que hoje sou Jorge Reis, Recepcionista Empresarial. Posso terminar o expediente, comprar uma hora de puta, ler uns poemas pra ela desses livros que tenho em casa, imitar a vida idiota de alguém. Transar, beber alguma coisa, dormir. Posso ser livre.

O empresarial era perto do centro da cidade. Achei o prédio com facilidade, devia ter catorze andares e era velho, cinza, tinha marcas escuras descendo no reboco, quase falido. Pus meu crachá, sentei atrás do balcão, fiz anotações impensadas e já podia reclamar da tendinite que assola a primeiro horário. Mas não havia nenhum companheiro de trabalho. Tinha de ejetar minha tensão e impaciência nos clientes. O telefone tocava sempre que não devia, é como se alguém estivesse brincando comigo, dificultando as coisas. Mas acho que os homens de terno não tem poder sobre isso. O dia foi passando assim, ora os minutos eram muito longos e eu pensava que estava preso ali até que a noite viesse me buscar, e ora o tempo me escapava pelas mãos, uma hora a mais que eu pensava. Os homens e mulheres que vinham estavam sempre de terno, mas não são como o que vem em minha casa nem como o que topei na rua. São pessoas que usam edifícios como esse, que cheiram à nota fiscal, que estendem a mão direita pra provar que sabem apertar. Quando o expediente acabou, eu era o responsável por quase tudo de errado dali. Eu sei que não, mas tive de engolir, nunca se sabe o quanto alguém tem poderes dentro da cidade. No fim do dia estava tão cansado daquele vai-e-não-vai de horas que eu estava preso dentro, que não consegui terminar o caça-palavras. Mais cedo eu havia achado en-fa-do e o-fí-ci-o. Já estava no caminho de casa quando vi da janela do ônibus um cinema. Pensei em parar ali e ver qualquer coisa, mas hoje é dia útil da semana e tenho de acordar cedo amanhã. Aliás, ainda há muitos bairros até minha casa, e a não ser que eu não queira estar pronto pra outra amanhã, tenho de estar em casa essa noite. Sou livre para fazer minhas escolhas, tenho consciência de quem eu sou, quero essa estabilidade. Estou sendo bonzinho e fazendo a minha parte. Quem sabe eu não serei promovido um dia para o cargo de homem de terno?

Eu estava sentado ao lado de outros homens bem vestidos como eu, e tínhamos autoridade, sabedoria e julgamento. Na nossa frente uma multidão silenciosa sentada na nave da igreja ouvia atentamente as palavras do homem que estava no púlpito entre nós. Os instantes seguintes ele usou para me apresentar ao público e levou alguns minutos para fazê-lo. Disse que eu era missionário na Califórnia, que estudei teologia, direito e economia na USP, na PUC e em outro lugar. Disse que eu havia convertido trezentas almas pecadoras no último encontro cristão dos ortodoxos de Niterói, escrito seis livros e fundado as casas de recuperação mais bem sucedidas do Nordeste. Então levantei e ele me passou o microfone. Comecei com meu tom mais grave, agradecendo as considerações, glorificando a Deus e cumprimentando aquelas pessoas. Continuei até sair do grave, acelerando as conjunções e terminando com o mais alto que minha garganta podia aguentar. Mais à frente já deixava o fôlego afogado expirar ruidosamente no final das frases, tinha um som energético tão forte no microfone que fazia a multidão agitar. Eu não sabia o que estava dizendo, mas todo meu discurso parecia empolado, glorioso, ressurreto. Eu estava abrasado demais para parar, eu e eles corríamos de um lado ao outro, eles gritavam, rasgavam, pulavam. Caíam, o lugar virou uma celeuma incontrolável, as palavras saltavam da minha boca e pululavam pelos cantos, se atirando pra todos os lados, e gritavam, e gritavam. De repente eu marchava como um coronel naquele púlpito e eles silenciavam, me olhavam, estavam esperando meu show. Quando não se ouviu qualquer ruído, levantei uma perna e cravei-a novamente no chão, estrondando a emoção da multidão, eles se fizeram enlouquecer. Eu percebi que ninguém se importava com meu espetáculo, estava no comando e minhas palavras provocavam muito prazer. Então continuei, continuei até achar que aquilo estava ficando cansativo e que naquele emprego eu podia me livrar do expediente a qualquer hora. E então tudo acabou. Depois daquilo o líder da igreja avisou-me que o meu dinheiro previsto no contrato estava depositado. É certo que muitos reprovam o que os homens fazem, mas acho que devemos mesmo tirar todo lucro dos nossos empregos. Não é nada que se deva envergonhar. Deixei o paletó naquele camarim e vesti de volta minha camiseta, meu jeans e os sapatos. Ainda era manhã, soube que aquele evento duraria todo o dia e havia muitos pra fazer discurso como eu, tarde e noite. Fui caminhar na rua contra o caminho de casa, pensei no extra em minha conta, nas mulheres descendo do táxi, continuei até chegar à praça e me sentei ali para ver as estátuas. Elas são resolutas. Mudadas. No final das contas é como eu me sinto nessa cidade.



Hoje o trabalho foi curto e estou livre desde as onze da manhã. Tenho passeado pela cidade, mas quando não encontro estátuas nuas, estátuas quebradas, o que vejo são sinaleiros de tráfego, postes, aqueles pequenos postes de calçada onde os cachorros gostam de fazer xixi. Eu pensei nisso e se a mesma ideia se aplicasse a mim, toda a cidade seria minha. A minha urina descida à latrina já se miscigenou no esgoto total da cidade, e agora meu território está marcado. Pensando bem, as coisas funcionam assim mesmo. É a mesma lei natural dos cães. Então somos todos donos desse mesmo território, somos todos os rins que urinamos nesse esgoto.

Andei o dia inteiro e não vi nenhum dos homens de terno. Ninguém me vigiando, ninguém me seguindo. Há duas possibilidades: Não tenho feito o trabalho direito e agora eles só esperam o amanhecer pra me capturar, me bater e me tirar fora do jogo. Ou estou satisfazendo aqueles homens e agora conquistei a confiança deles. Se for assim, estou mais próximo de uma promoção qualquer que seja. Talvez um dia eu seja também um homem de terno.

Com a grana extra que fiz no trabalho de hoje cedo, tomei um táxi e fui a uma casa de mulheres próximo do centro da cidade. A rodagem no taxímetro era excitante, assim o quanto o que eu esperava encontrar nas meninas; Os cifrões giravam e giravam com números que eu podia pagar, eu estava muito orgulhoso de mim.

Às nove e meia estava no quarto. Ela não era a mais cara da casa, mas era o máximo que eu podia pagar, era o cheque que eu tinha pra peitos gordos, praquele tronco carnosos, mas que não prestava o serviço todo. Depois saí dali, tinha uma fraqueza nas pernas e os bolsos vazios, agora era voltar andando pra casa, talvez eu tenha gasto dinheiro demais com o táxi. Pelo menos uma carteira de cigarros me sobrou.

Acendi um, e foi com o calor da chama do fósforo entre as minhas sobrancelhas que notei esse dia. O fim dele.

Amanhã é o grande dia. Dizem que haverá muitos desfiles pela cidade inteira, o esquema de segurança é assustador, mas um colunista do Folhetim M andou dizendo que não dava pra acreditar que o Governo ainda aposte em balas e pólvora para conter rebeldes. Ele usou um outro nome. Acho que resistentes. São os resistentes. Não sei exatamente o que são.

Ainda na cama, o cabelo despenteado, a cueca, cortinas fechadas, hoje é um dia quente. Não é tarde, a vizinha de cima acorda às seis e meia, e sempre que acorda coloca *preciso me encontrar* pra tocar. Essa manhã ainda não ouvi nada lá de cima. Estou acordado há algum tempo, nem sei mesmo se dormi ou se só estou aqui há cinco minutos, porque às vezes o tempo passa tão devagar, como se fosse um bicho machucado que perdeu as patas e está tentando subir a parede. Aqui dentro do quarto às vezes o tempo quer subir pelas paredes. Foi a lembrança de que já comprei o pó do café que me fez sair da cama? Levantei da cama, abri a porta e deparei com um homem de terno na cozinha.

Foi o cinzeiro do quarto que estava cheio que me fez levantar, eu acho... Lembro que levantei e saí dali e então fui para a cozinha, tinha um homem de terno lá. Bem, a minha memória.

Eu estava na cama, de cueca, a janela fechada, cabelo assim, então acendi um cigarro...

Não, não acendi um cigarro.

Ouvi alguma coisa na cozinha, lembrei que tinha café, me levantei e encontrei um homem de terno, ele tinha acendido um cigarro.

O que ele está fazendo aqui? Estou fazendo meu trabalho direito. A minha identidade de cada dia sempre está na carteira, eles dão um jeito de colocar lá. Talvez pela noite, enquanto durmo.

Às vezes o tempo quer subir pelas paredes nesse quarto...

Me levantei da cama, fui até a cozinha, tinha um homem de terno lá. Ele estava tomando meu café. Eu estava fumando.

Fui ao fogão e quando peguei a chaleira vi que ele tinha feito café pra dois. Peguei minha xícara e então ele disse "a Fábrica tem perguntas para você. Você deve apoiar a Fábrica. Seja um homem bom com a Fábrica e a Fábrica será boa com você".

Eu estava ali, despenteado, de cueca, a xícara aqui, o cigarro também, ele tinha perguntas pra mim. Acho que eu estava com um pouco de medo. Claro que eu estava com medo.

Cartola cantou lá em cima.

Tem alguma coisa na minha cabeça, eu acho que é um calo, um calo muito grande. Minha cabeça também está molhada, os meus cabelos estão molhados. Eu estou atado numa cadeira no meio de uma sala cor de abóbora. Me lembra a sala da Educação, tem até o cheiro de biscoitos que vem lá do refeitório. Isso me dá vontade de comer, de comer muito, bastante comida, bastantes biscoitos de coco. Olho pra cima e vejo toda a sala. Tem um homem de terno há três metros, eu acho que ele também tem três metros, é mesmo um dos maiores homens de terno que já vi. Está limpando uma lâmina de barbear num pano, acho que tem pelo e creme ali, não sei, ele me notou. Está olhando pra mim, parece que sabe bem quem eu sou, como se estivesse comigo em cada passo e no trabalho. Comesse comigo, transasse do meu lado, tivesse comido macarrão, estendido as roupas molhadas, ele é assim, está me olhando e continua limpando a lâmina. Colocou com cuidado no canto:

- Bem vindo à Fábrica.

O homem de terno está circulando, eu nunca tinha notado a brancura da pele deles. Abriu a boca pra falar, os dentes de todos os homens de terno devem ser brancos feito esses, parece porcelana. O que ele falou? Metonímia. Metonímia? Eu fico calado. Ele vem pra perto de mim, não espera quase nada, estou pensando, não entendi e ele fala mais alto, METONÍMIA. Eu estou com medo, os pés colados, meu estômago está tremendo. Ele curvou a coluna até mim, não disse nada ainda e porque não me ouviu está me dando uma grande surra. Eu estou apanhando de um homem de terno. Chorando, chorando, chorando muito, eu não consigo parar de soluçar. PARE! POR FAVOR! PARE! ME PERDOE! ME PERDOE! Eu estou completamente descontrolado, eu tenho vergonha de mim, eu estou completamente descontrolado. Ele vai tentar de novo.

- Metonímia...

Já entendi, melhor assentir logo, eu já sei, estou envergonhado. Ele começou:

- Castigo.
- ...lição.
- Ferida.
- ...chaga.
- Sinônimo.
- ...parte de tudo.

Ele está calado:

- Você irá para a correção severa.

Mais cedo eu estava sentado no sofá, olhando os cigarros, o caça-palavras, os bagulhos da Fábrica, projéteis, cinco projéteis. Eu gosto dessa palavra. É uma mauser 7.65. Eu gostei também dessa arma, é uma pistola linda. O bloco de rascunho eu ganhei também. A Fábrica disse que eu não precisaria usar com discrição porque não havia quem desconfiasse de alguém com um bloco de rascunho quando muitas pessoas estão pela cidade sentados e fazendo desenhos ou pensando em algo para escrever. A Fábrica só me alertou que fosse cuidadoso, algumas pessoas além dos homens de terno estão nos observando na rua. Eu fiquei assustado, mas a Fábrica me disse *você deve ser bom, uma pessoa corajosa e então saberá identificar resistentes e conjurados. A Fábrica assegura a liberdade, o poder, a segurança, nossos homens estão por todas as partes que se podem ou não ver, mas agora você também é um conjurado, você não deve depender em absoluto de nossos homens, faça seu próprio ofício, você estará munido a partir de então de material necessário para se comportar como conjurado, daremos seu cigarro, seu café, seu molho, suas meias e cuecas, o fogo, os projéteis, a pistola, músicas, oficinas, putas e livros, menos a possibilidade de renúncia, sua alternativa seria, é e será automaticamente anulada pois a Fábrica é boa, educadora de cidadania, do princípio basilar de ser, vir, viver na cidade. A cidade é a Fábrica.*

IX

Mais uma vez acordo baleado, lembro que o pó do café acabou, lembro que os homens de terno estão sempre aí. É lembrando de tudo isso que me levanto da cama me sentindo uma centopeia com pavor da cidade. Desde aquele dia na Fábrica eu não tenho saído, eu li Kafka. Eu não sei porque eu sinto culpa, a Fábrica nos quer bem, tanto bem, e se eu fizer o trabalho direito poderei ser, quem sabe, um homem de terno.

Hoje fui à rua.

Ninguém percebeu nada.

Está tudo ok.

Fui comprar algumas coisas na conveniência do posto, no caminho encontrei uma estátua, elas estão por todo lado nessa cidade, eu acho que são vigilantes. O que não é? Esse caminho calçado é quem me leva, ele me vigia os passos. O preço no cupom fiscal avalia minha rotina; um pacote de café, quinhentas gramas de macarrão, uma garrafa de molho de tomate, três carteiras de cigarro, uma meia garrafa de uísque, sanduíches congelados e oito caixas de fósforos.

15

Acho que é dessa lista a culpa de acordar desse jeito. Meu corpo está abalado, eu estou abalado, aluído. Eu me sinto embalado. A palavra. A língua. O belo. Belo, belo. Aquela música.

Volto pra casa com as sacolas, afoito por um cigarro no bico, mas aí vejo de novo a estátua, aquela história da vigilância. Acho que agora sou vigilante também. Espião. Conjurado da Fábrica. Farei amor hoje. Vou foder uma puta. Pegar o telefone e chamar uma puta. Vou fazer isso. Alô? Uma puta, por favor.



Essa tarde voltei para aquela estátua perto do prédio que moro, voltei lá com um livro que achei no lixo. O autor é George Trakl; folhee o livro, eram poesias. Fiquei confuso com uma frase escrita na capa dele, que dizia RESISTÊNCIA E FÉ. Resistência... Eu me lembro de ter ouvido esse nome, não lembro se foi no Folhetim, se na Fábrica... A Fábrica, a Fábrica de novo, sempre ela. Tudo me leva a ela, o que será que fizeram comigo? Será que fizeram mesmo alguma coisa no meu cérebro? Eu acredito nessas coisas, eles podem ter feito uma lavagem, podem ter me dado alucinógenos.

Sentado ao lado da estátua, pensei: Eles me deram uma *mauser*, me deram os suprimentos também, tem malotes de cigarros lá em casa, tem muitos ovos e também não vai faltar mais café. As últimas compras que fiz foram inúteis, agora está tudo lá. A casa está cheia, tem suprimento por todo lado. E a *mauser*, ela está lá em cima da mesa. Será que eu tenho que usá-la? Eu me sinto tão seguro com os homens andando por aí. Não acredito que me deixaram sozinho aqui, eles não me deram um terno, não me instruíram. Eu não fui promovido. Eu fui corrigido.

Hoje penso nas palavras daquele homem e em como ele me avaliou. O livro estava em minhas mãos essa tarde.

Ele me avaliou pelas palavras.

As palavras e todas elas.

Essa tarde eu olhei pro livro e notei que ele estava cheio de palavras.

Abri - e o poeta me disse:

Poderoso é o silêncio na pedra
E eu me calei.

Aqueles poemas me deixaram confusos; o que é azul? E o declínio? Para onde estão nos levando? O poema fala de mim. É como se falasse.

XI

Foi assim que hoje peguei o caminho de uma banca de revista. Entrei em casa pra pegar a carteira com o dinheiro que me deixaram, eu tinha que pegar um táxi e também grana pra um livro. Disse ao taxista que me levasse a algum lugar que vendesse livros. Ele perguntou "por quê?". Eu disse "como?". "Por quê?", ele disse de novo. O que deu nesse cara? Como ele me pergunta 'por quê'? Saí do táxi, puta que o pariu, eu não tenho que justificar nada, estou procurando um jornaleiro, uma livraria, seja o que for, rondei seis quadras de comércio e não encontrei uma banca de revista. Procurei uma linha de ônibus pra saber o itinerário, eu pretendia pegar a linha que tomei depois da igreja, lembro que vi um cinema, deve ter livros perto de um cinema. Fui para o ponto de ônibus e fiquei lá. Passou um ônibus, passou outro, e mais e mais, mas eu fiquei ali, não conseguia levantar, todos passavam por aquela avenida, ora vinham, depois desapareciam, o ponto enchia de gente, elas amontoavam, ouriças, lacônicas, exangues, nervosas, o ponto murchava, eu ficava sozinho, com frio, anoiteceu, demônio, eu estava cravado.

Atrás de um dos ônibus vi uma publicidade da prefeitura: MOBILIDADE URBANA, DIREITO DE TODOS.

Sou um cidadão, e sou também um conjurado. Por favor, me deixe levantar, por favor, me deixe tomar um ônibus. O que está me segurando aqui? Ou a pergunta é quem? Quem? Eu tenho a resposta para quem. Trakl, acho que ele me disse alguma coisa.

ALGO DE ESTRANHO, A ALMA NA TERRA

Ele me disse várias coisas

OH, A FIGURA DESVIGORADA DO HOMEM: LIGA DE FRIOS METAIS

E foi me dizendo que percebi

SE UM ANIMAL AZUL SELVAGEM LEMBRASSE A SUA VEREDA

Foi que, aliás, só agora percebi

ALGO DE ESTRANHO, A ALMA NA TERRA



Que é a cidade que não quer me deixar ir. Olhei para a inércia do meu pensamento. Da minha mente, quero dizer. Calada, sem letras, sintagmas, a minha mente era uma língua muda. Eu lembrei de Trakl.

PODEROSO É O SILÊNCIO NA PEDRA

A cidade
a palavra
trabalhando
juntas

Fato consumado.

Eu tentei me levantar daquele banco gelado, daquele pedaço de concreto infernal, ah!, eu tentava me livrar, subir, tentava me lembrar de algo, qualquer coisa, uma palavra, algo que fosse! é palavra em meio ao meu silêncio doentio da mente, do verme, uma palavra, eu olhei, o poste, poste. POSTE. Poste? Tentei adentrar, vi sua forma, a forma de O, de P, a imagem, o desenho magricela, o caminho ao alto, poste, poste, tentei encontrar o S, mas é claro, o S é apenas caminho, um deslizamento, que leva o poste para cima, seguido de T que é o desenho longilíneo, a reta, e o ponto onde seu corpo para no alto. POSTE.

E *track!!* como que senti uma corrente quebrar.

Consegui me levantar, mas meus pés! Estão fincados no chão. Chão. Chão. Chão. A palavra, preciso desmanchar no silêncio de pedra do meu cérebro. Chão. Mas chão é estreita, encerra-se, é equilibrada, equivalente, é rente, suficiente pelo que já é; mas ÑO? Reclinável. Nada, não se desmancha e eu continuo preso. Prisoneiro, prisão desmanche, prisão, cela, cadeia, cárcere, a detenção, laço, prensione, prison, prisão, liberdade, pena, carga, obstáculo, obstáculo

as palavras!

Tenho uma visão:

cada sintagma de linguagem

estava constipado

foi a correção

- correção severa.

que clausurou

minhas palavras

(Ocorreu, pois, que meus pés largaram do chão e eu levitei por sobre a calçada. Sentia os dedos dos vocábulos me levantando - paire sobre o espírito da cidade).

Mácllen
Luan

vive em Maceió, é professor de
História e graduando em Letras pela
Universidade Federal de Alagoas.



Em 2015, o PET Letras UFAL, em parceria com o Núcleo de Estudos Indigenistas – NEI, a Direção da Faculdade de Letras e a Coordenação de Graduação, traz para a 8ª Semana de Letras o tema Tradição, Transição e Transcendência.

A 8ª Semana de Letras da UFAL ocorrerá na semana que se inicia no dia 21 de setembro de 2015.

Para mais informações, acesse o site do PET Letras UFAL.

www.petletrasufal.com





ISSN
2447-1003

